



## TRABALHANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: O QUE CORRIGIR? COMO CORRIGIR? QUE PRÁTICA ADOTAR?

Isabel Cristina da Silva Carneiro; <sup>1</sup>

Marileide Bezerra Silva<sup>1</sup>

Orientadora: Diana Ribeiro Guimarães<sup>2</sup>

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB*

isa\_bel.ic@hotmail.com

mary32002@hotmail.com

diana.rguimaraens@gmail.com

**RESUMO:** O presente estudo traz uma reflexão acerca da prática docente no que diz respeito a forma de tratamento dada as variações linguísticas em sala de aula, tema que gera muitas discussões e incertezas por parte dos professores que muitas vezes não sabem como abordá-las e se devem ou não corrigi-las com receio de constrangerem o aluno, este também sente receio e prefere em muitos casos calar-se para não sofrer as represálias do professor. Partindo desse pressuposto este artigo traz também algumas sugestões para o trabalho com a análise linguística, que é uma forma de ensino que se apoia no uso de atividades metalinguísticas e epilinguísticas, visto que o objetivo é levar os discentes a aprimorarem as habilidades de oralidade, leitura e escrita, tão essenciais em sua vida escolar e em sociedade, sendo então uma forma a mais para se ensinar aspectos gramaticais em sala, porém partindo de situações reais de uso e de gêneros diversificados, saindo do tradicional proposto pelo livro didático através de suas atividades (na maioria dos casos) mecanizadas e sem sentido fora do ambiente escolar.

**Palavras** – **chave:** variações linguísticas, prática docente, aluno.

---

<sup>1</sup> Graduandas em Letras (UEPB).

<sup>2</sup> Professora substituta de língua portuguesa da UEPB.



## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo refletir acerca da prática do professor de língua portuguesa no que diz respeito ao ensino de gramática, procurando propor também estratégias para se trabalhar com conteúdos gramaticais sem fazer com que os mesmos sejam o centro das aulas.

O ensino de língua portuguesa, na maioria das vezes, é baseado nas aulas de gramática, que acabam ocupando toda a carga horária da disciplina, ficando para produção textual e literatura uma pequena quantidade de aulas semanais. Isso se dá porque os aspectos gramaticais são considerados mais importantes tanto por parte do professor quanto da própria escola, que procura ensinar a norma padrão pelo fato de ser o “falar” de prestígio, ou seja, a escola tem por objetivo “ajudar” o alunado a ascender social e economicamente por meio do ensino, portanto, da norma padrão, pois como sugerem os OCEM (p. 18, 2006) “pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina de Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta”.

Sendo assim, a disciplina procura “refinar” as habilidades de leitura, escrita, fala e escuta, ou seja, melhorar, tornar mais cultas essas habilidades, porém, em alguns casos a escola acaba por calar seu aluno exatamente por desconsiderar o seu falar, taxando-o como errado, sendo apenas o formal considerado o modelo a ser seguido, o que vem a ser um equívoco por criar em sala de aula o preconceito com relação a linguagem da turma ou de grande parte dela.

Este artigo procura focar exatamente isso: como a disciplina trabalhar a variação linguística trazida pelo aluno para sala de aula e que postura o professor assume ao se deparar com ela. Para tanto foi realizada uma pesquisa bibliográfica, e de natureza qualitativa, com relação ao caminho da investigação foi realizada uma pesquisa dedutiva, pois parte da teoria para a análise dos dados., tendo como embasamento teórico as contribuições de MENDONÇA (2006), GERALDI (2006) ,



POSSENTI (1996), BORTONI - RICARDO (2004).

## 1 - Função da escola: ensinar o português padrão

Quando se fala em língua portuguesa passa logo na mente das pessoas a questão das regras gramaticais, isso porque a escola, desde muito cedo, acostuma-nos que para “tirar” uma boa nota é necessário escrever e falar bem, para tanto saber das regras é fundamental.

POSSENTI (2006), em seu livro *Porque (não) ensinar gramática na escola* afirma que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, o que está completamente correto, o que procuramos aqui analisar são as formas usadas para que esse português padrão seja aprendido, visto que o que acontece é uma desvalorização do falar que o aluno traz consigo.

Quando o aluno chega a sala de aula com um “falar” diferente do que é pregado pela norma padrão o professor pode ter, segundo Bortoni - Ricardo ( 2004, p.38 ), as seguintes posturas:

- O professor identifica os “erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura, tratando-os todos da mesma forma;
- O professor não percebe o uso de regras não padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão, porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele;
- O professor percebe o uso de regras não padrão e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- O professor percebe o uso das regras não padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão.

A abordagem do professor é muito importante durante a “correção” do falar ou da leitura do

alunado, pois dependendo do que é dito o aluno pode ficar “travado” durante as aulas, com medo de falar ou ler e errar novamente e, por isso, ser motivo de gozação para os demais colegas. A tirinha abaixo do Chico Bento na escola exemplifica claramente uma situação de um aluno do interior sendo corrigido pela professora:



Disponível em: <http://wordsofleisure.com/2013/10/15/tirinha-do-dia-chico-bento-e-o-portugues/>, acesso em 29 de junho de 2015.

Na situação exemplificada acima podemos perceber uma dura correção por parte da professora, porém sem sentido nenhum para o personagem Chico Bento, pois ao responder “I eu qui vô sabê?/ Ocê também feiz prova?” ele não queria desacatá-la, isso apenas demonstra que não entendeu a correção feita, logo que não partiu de uma reflexão, a própria fisionomia do Chico comprova isso no último quadrinho, o desapatamento por não entender o estresse da professora e



o que havia errado, logo que seu falar em casa com os familiares e amigos é certo, então, por que na escola não?

São situações como a descrita acima que deixam os professores muitas vezes indecisos: o aluno falou errado, como devo corrigi-lo? Se é preciso respeitar as diferenças, então, o erro de oralidade do aluno não deve ser corrigido?

São questões que merecem ser refletidas pelo profissional, logo que o que não pode acontecer em sala é o constrangimento do aluno, mas a correção sim, porém, para que haja várias formas diferentes podem ser feitas: durante a aula é essencial deixar claro com a turma que as variedades da língua não são erros e que precisam ser respeitadas por todos, explicar que dependendo da situação comunicativa falar “cumê” ou “prantá” em lugar de comer e plantar não são erros, só não estão de acordo com o que o português padrão propõe, sendo no entanto, entendida pelos interlocutores que podem ser amigos ou familiares. É necessário ensinar a norma culta porque os alunos precisam aprendê-la para se saírem bem tanto em situações formais quanto informais de uso da língua.

Cabe ao professor, portanto, conscientizá-los de que a variante padrão não é mais importante que a não padrão, mas que há contextos comunicativos que exigem uso de uma ou de outra, estando todas certas, deixando de lado assim a ideia de erro.

As correções não são feitas apenas com relação a oralidade mas, com a escrita também, e chega a ser ainda pior, é menos constrangedor para o aluno, tendo em vista que não há uma reflexão do porquê de determinada palavra estar no plural quando deveria estar no singular, por exemplo, ou por que o conector usado está inadequado em determinado período. As atividades ou textos simplesmente são entregues aos alunos e deixados de lado, ou quando há uma reescrita, no caso dos textos, há apenas correção de erros ortográficos sem levar em consideração o sentido do que foi



produzido como afirma Geraldi (2006, p. 45):

Parece-me que o mais caótico da atual situação de ensino de língua portuguesa em escolas de primeiro grau consiste precisamente no ensino, para alunos que nem sequer dominam a variedade culta, de uma metalinguagem de análise dessa variedade – com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análise de problemas que mesmo especialistas não estão seguros de como responder.

Sendo assim, toda correção baseia-se no que propõe a norma padrão sendo desconsiderada qualquer outra variante que o aluno traz consigo.

## **2 - Uma nova forma de ensinar: prática da análise linguística**

Para muitos professores é mais cômodo seguir o livro didático tanto durante a aula quanto para elaborar suas avaliações, porém, nem sempre tal comodidade é favorável para o alunado, visto que, dependendo do livro didático, o ensino pode ser muito mecanizado, logo que muitos seguem à risca a gramática tradicional.

A análise linguística (AL) procura fazer uma mudança na forma de ensinar língua portuguesa, é um termo usado desde os anos 80 e baseia seu ensino na reflexão, possui como objeto de estudo o texto, podendo ser produzido pelo próprio aluno, como sugere Geraldi (2006) ou qualquer outro texto que se encaixe nos objetivos que se pretende alcançar em determinada aula. Segundo Mendonça (2006, p. 205) “a AL não elimina a gramática das salas de aula, como muitos pensam, mesmo porque é impossível usar a língua ou refletir sobre ela sem gramática.”

Sendo assim, o texto deixa de ser pretexto para o ensino de gramática, visto que observando algumas coleções de língua portuguesa da educação básica observamos que os estudos de texto, ao invés de conduzirem o aluno à análise, compreensão e interpretação, visam apenas no conteúdo

gramatical normativo e nas informações passadas pelo texto, deixando de lado aspectos como a literariedade, os recursos de expressão e o uso estético da linguagem. Grande parte dos textos poéticos são descaracterizados ou usados apenas para o estudo dos aspectos formais ou para fins gramaticais, dessa forma perde-se a oportunidade de explorar o lúdico presente nos poemas.

A prática da AL parte da análise do gênero (macroestrutura) para só em seguida analisar as unidades menores (microestrutura), sempre partindo da função, ou seja, inicialmente se estuda os objetivos que determinado gênero pretende alcançar, qual o público alvo para ser possível identificar, que linguagem tal gênero exige: se é uma carta pessoal, uma linguagem mais despreocupada com as regras gramaticais, caso seja um requerimento a linguagem precisa ser mais trabalhada, por exemplo. Após estudar o gênero uma sugestão feita por Geraldi (2006, p. 74) pode ajudar muitos professores:

- A análise linguística que se pretende partirá não do texto “bem escritinho”, do bom autor selecionado pelo “fazedor de livros didáticos”. Ao contrário, o ensino gramatical somente tem sentido para auxiliar o aluno. Por isso partirá do texto dele;
- A preparação das aulas de prática de análise linguística será a própria leitura dos textos produzidos pelos alunos nas aulas de produção de textos;
- Para cada aula de prática de análise linguística, o professor deverá selecionar apenas um problema. De nada adianta quereremos enfrentar de uma vez todos os problemas que podem ocorrer num texto produzido por nosso aluno;
- Fundamentalmente, a prática de análise linguística deve se caracterizar pela retomada do texto produzido na aula de produção (...) para reescrevê-lo no aspecto tomado como tema da aula de análise;  
(...)
- Fundamenta essa prática o princípio: “partir do erro para a autocorreção”.

Geraldi propôs praticamente uma sequência didática para ser usada pelo professor para trabalhar aspectos gramaticais (microestrutura), sem mecanizar o ensino. O aluno aprenderá algo que realmente necessita usar visto que, errou ao produzir o texto, sendo assim, até a atenção da turma se volta para a aula, que não será distante de sua realidade. A correção, como foi visto, deixa de ser apenas um monte de anotações sobre os textos solicitados (anotações estas que poderiam nunca



serem lidas) para a autocorreção, como o professor trabalhou erros frequentes ocorridos nos textos, os alunos que erraram agora saberão como corrigi-los sem que o professor precise fazê-lo, havendo assim uma atividade epilinguística, ou seja, uma atividade que faz o aluno refletir e não apenas decodificar.

Há outras formas do professor trabalhar análise linguística em sala de aula, vai depender de sua criatividade, tal prática é interessante também por analisar a língua em uso, ou seja, as variações linguísticas são respeitadas e até mesmo podem servir de exemplo para estudo em sala de aula.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Trabalhar as diferenças em sala de aula nem sempre é uma tarefa fácil para o professor que precisa ensinar a norma padrão sem desconsiderar o conhecimento que o aluno traz consigo, ou seja, a variante informal.

São muitos os caminhos que o docente pode escolher: usar apenas o livro didático e ensinar que as variações linguísticas são formas erradas, ou que não há erro mas, adequação ou inadequação ou até mesmo seguir a prática da análise linguística, porém, é necessário sempre refletir sobre qual prática é a mais adequada para a turma com a qual se está trabalhando, para que os alunos aprendam sempre mais.

A prática da análise linguística é a que consideramos uma das mais adequadas, visto que, trabalha tanto a habilidade da oralidade quanto da leitura e escrita, logo que faz o aluno refletir acerca dos conteúdos vistos, sem ser o aprender por aprender tão feito pelo livro didático, sem uma função para o que é visto em sala de aula.

Sendo assim, enquanto professores ou futuros professores é essencial sermos sempre pesquisadores, não devemos nos contentarmos ou se acostumar -nos com o que o livro didático propõe, mas irmos sempre além em nossas aulas, inovarmos e procurarmos novas maneiras de melhorar o aprendizado de nossas turmas.



Portanto *respeitar* as diferenças em sala é a palavra – chave para que haja um ensino que leve em consideração o aluno enquanto sujeito em sala de aula e não como um ser passivo da vontade do professor, a busca por um ensino que democratize a linguagem deve ser a meta dos mestres enquanto “construtores” do saber.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BEZERRA, Maria Auxiliadora e REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística**: afinal a que se refere?. São Paulo: Cortez, 2013.
- BORTONI – RICARDO, Stella Maris. Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BUNZEM, Clécio, MENDONÇA, Márcia (org.). **Português no ensino médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 4. Ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MOTTA – ROTH, Désirée, HENDGES, Graciela H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.